

No rio Amazonas ocorre, frequentemente, a formação de ilhas que as cartas de navegação não registram. O viajante habituado a percorrer o Grande Rio, cansado da monotonia da paisagem, onde os verdes se amontoam sob uma luz solar demasiado intensa, surpreende-se ao encontrar, numa curva das águas, ou num meandro recente, pedaços de terra nova que nunca tinha avistado antes. São ilhas súbitas, ambulantes, geradas pelo ímpeto da correnteza que desgasta, remove e convulsiona a terra embrionária. Fadados a desaparecer no espaço de uma noite, esses blocos solitários ilustram bem a vida intelectual da Amazônia que se caracteriza por irrupções efêmeras de atividade criadora, logo transformadas em pequenas ilhas que se incrustam, como organismos estranhos, no meio de uma sociedade que não está preparada para contê-las.

O insulamento é o destino de quase todas as iniciativas culturais de sentido superior, tanto no campo das artes como das letras. E quase sempre, como regra geral, o grupo de teatro, a revista literária, o núcleo de estudos, já nascem isolados, conscientes de que o seu marginalismo fatal será sucedido pela morte prematura.

[...]

Enquanto não consolidarmos o nosso ambiente universitário e a vida econômica da região permanecer estacionária, tanto as artes e as letras como a pesquisa científica continuarão sendo atividades marginais, aleatórias. Por isso, a crônica de Belém oscilará ao sabor das contingências e o seu aparecimento será tão precário e tão descontinuo quanta o movimento cultural da Amazônia.

(Benedito Nunes, Panorama cultural: 1959. Suplemento Literário d'O Estado de São Paulo, Crônica de Belém, 31/10/1959, p. 4).

Com a crônica de Benedito Nunes, sobre o contexto cultural da Amazônia em meados do século XX, abrimos a apresentação da décima segunda edição da Revista Arteriais, dedicada à segunda parte do Dossiê Arte e Amazônia.

Em diálogo com contextos socioculturais amazônicos de outrora, a partir do olhar crítico de Benedito Nunes, o qual destaca o campo das letras e das artes, na região, como um espaço

a ser amadurecido, principalmente a partir do ambiente universitário, em diálogo com as questões socioeconômicas, apresentamos o presente dossiê no qual observamos resultados de pesquisas em que a produção artística na e sobre a Amazônia, contemporaneamente, se mostra diversa e amadurecida. Dessa maneira, o conjunto de textos que compõem a segunda parte do Dossiê Arte e Amazônia é fruto de pesquisas que colocam a Arte como campo de conhecimento, que debatem Arte e a Amazônia, em suas múltiplas camadas: social, simbólico, histórica.

O presente número é composto por doze produções, organizado em um portfólio, nove artigos, uma entrevista e um ensaio.

O Portfólio apresenta, a convite dos editores, um recorte de obras que fazem parte do acervo de artes visuais da Coleção Amazoniana de Arte da UFPA e também documentos que estão presentes no]Arquivo[Amazoniana, refletindo a dimensão da produção e a presença dos artistas na Amazoniana.

Na seção de artigos, iniciamos com três textos sobre a produção visual na Amazônia. O primeiro deles, ÚLTIMOS DIAS DE CARLOS GOMES, DE DOMENICO DE ANGELISE GIOVANNI CAPRANESI: UMA ABORDAGEM ICONOGRÁFICA-MUSICAL, de autoria de Luciane Viana Barros Páscoa, aborda a produção pictórica acadêmica de Domenico de Angelis e Giovanni Capranesi, a partir da obra Últimos dias de Carlos Gomes (1899), com o objetivo de apresentar um “estudo iconográfico musical da pintura que integra o acervo do Museu de Arte de Belém, relacionando os aspectos estéticos e simbólicos da representação da morte de Carlos Gomes com a construção do culto à sua personalidade e à permanência de sua música, notadamente Il Guarany, no repertório brasileiro”.

Em seguida, Khetllen da Costa Tavares apresenta o artigo FOTOGRAFIA E CIDADE: TRÊS POÉTICAS EM MANAUS, no qual investiga as formas em que a cidade de Manaus é fotografada na contemporaneidade, a partir

dos artistas Carlos Navarro, Ricardo Oliveira e Raphael Alves, de gerações e percepções diferentes, para observar as facetas da cidade.

O *ÁLBUM DO ARTISTA MANOEL PASTANA: MEMÓRIAS EM RECORTES*, de Renata Maués, é um estudo documental, de caráter histórico e museológico, voltado para a compreensão do contexto sociocultural em que Manoel Pastana viveu a partir do trânsito entre as cidades de Belém e Rio de Janeiro.

O dossiê segue com o trabalho de Juliano José de Araújo e Wesley Tavares Martins intitulado *A PRODUÇÃO AUDIOVISUAL DE NÃO-FICÇÃO RONDONIENSE: UMA ANÁLISE DO DOCUMENTÁRIO OS REQUEIROS (LÍDIO SOHN E PILAR DE ZAYAS BERNANOS, 1998)*. Nessa abordagem, os autores estudam o documentário *Os requeiros* (1998), de Lídio Sohn e Pilar de Zayas Bernanos, para revelar as condições de sua produção, além das escolhas estéticas dos artistas na “representação fílmica da história do garimpo de Bom Futuro, em Ariquemes, interior de Rondônia”.

O quinto artigo, *A FOME, A GUERRA, A PESTE E A MORTE: CINEMA EM MANAUS DURANTE A GRANDE GUERRA*, de Allan Gomes Freitas, propõe-se a analisar os processos de modernização da cidade de Manaus, no início do século XX, seu desenvolvimento socioeconômico e como o cinema aparece como a principal elemento do entretenimento da cidade no contexto da Primeira Guerra Mundial.

Diego Omar da Silveira e Ericky da Silva Nakanome, em *O BOI-BUMBÁ DE PARINTINS COMO ARTE E HISTÓRIA PÚBLICA: DO FOLGUEDO DE TERREIRO AO ESPETÁCULO DE ARENA E ALÉM*, abordam o fenômeno como elemento artístico e espaço dialógico contemporâneo nos campos da cultura e sua relação com o patrimônio e a tradição na região.

Em *CONSIDERAÇÕES EM TORNO DO CONCEITO DE ARTE AMAZÔNICA*, Gil Vieira Costa investiga, conceitualmente, a terminologia “arte amazônica”, a partir de textos críticos e curatoriais que se

dedicam ao termo. As análises estabelecem relação entre o conceito e as formulações sobre identidade cultural amazônica, para propor compreensões na relação entre o local e o global.

O oitavo artigo, *CONCEITO DE DIALOGICIDADE PRESENTE NA OBRA DE PAULO FREIRE E A CONTRIBUIÇÃO PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM ARTES VISUAIS: ARTE E POLÍTICA EM DIÁLOGO DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19 NA AMAZÔNIA*, de Márcia Mariana Bittencourt Brito, apresenta um estudo sobre processos de ensino-aprendizagem no curso de Artes Visuais da Universidade Federal do Pará, durante o período pandêmico da Covid-19.

Em seguida, Inácio Saldanha desenvolve uma análise de processos históricos e políticos a partir das *drags* themônias, movimento artístico presente na cidade de Belém do Pará. Com o título “*EU PRECISO POR O CORPO NA RUA*”: ARTE, MEDO E DISPUTA NAS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS DE 2018 EM BELÉM (PA), o autor parte de uma vivência em que se propôs observar a relação entre o evento NoiteSuja durante os festejos do Círio de Nazaré durante o processo eleitoral de 2018.

Na seção Entrevista, Karen Cordeiro aborda Otoni Mesquita, artista contemporâneo amazonense, a partir de suas múltiplas atuações nas artes. A pesquisadora apresenta o trajeto pessoal do entrevistado, destacando sua produção artística.

O dossiê encerra com o ensaio *ENTRE A EUROPA E A AMAZÔNIA, DO RITUAL DA ARTE AO PODER DA ARTE DO RITUAL*, de Rui Mourão, em que o autor se pauta nas discussões do antropólogo Viveiro de Castro para analisar a produção artística contemporânea a partir do Laboratório Huni Kuin, no qual desenvolveu um estudo de campo sobre práticas artístico-rituais do povo indígena Huni Kuin, no estado brasileiro do Acre.

José Denis de Oliveira Bezerra,
Orlando Maneschy e Sávio Stoco